

Unicamp inova na área do esporte paralímpico

Avançar e inovar na área de educação física adaptada e formar profissionais especializados em pesquisa, reabilitação e esporte de alto rendimento de pessoas com deficiência. Essa é a meta dos professores e alunos do Departamento de Estudos de Atividade Física Adaptada da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Pioneiro, departamento da Faculdade de Educação Física formou centenas de profissionais especializados na reabilitação, iniciação na atividade esportiva e no treinamento do esporte de alto rendimento de pessoas com deficiência



Thiago e Fernando: "Evoluímos em conjunto"

Pioneiro no País, o projeto acadêmico com atividades paralímpicas teve início em 1987 com o trabalho dos docentes Edison Duarte e José Luiz Rodrigues, entre outros acadêmicos. No mesmo ano, o atleta José Júlio Gavião de Almeida, recém-retornado de campeonato mundial de taekwon do, na Coreia do Sul, ingressou no corpo docente da Unicamp e foi desafiado pelo professor Duarte a especializar-se também em educação física adaptada. A parceria prossegue até hoje.

Classificação – "O esporte é um meio saudável para diminuir a desvantagem natural da pessoa com deficiência", destaca Duarte, mencionando outros benefícios, como o resgate da identidade do indivíduo, muitas vezes perdida por causa da limitação física, sensorial ou intelectual. "Além disso, o aumento da confiança e do condicionamento físico, entre outras questões, amplia as possibilidades de ingresso e de permanência desse atleta nas competições e no mercado de trabalho", explica.

Atualmente, além das atividades na Unicamp, Duarte atua como

classificador brasileiro e internacional da modalidade esgrima em cadeira de rodas. Essa tarefa consiste em identificar, em conjunto com médicos e fisioterapeutas, o nível de deficiência de cada atleta, para garantir a igualdade de disputa nas competições, sendo a função reconhecida pelo Comitê Paralímpico Internacional (International Paralympic Committee – IPC).

Cooperação – As informações obtidas e provenientes dos ex-alunos, a partir da evolução dos esportistas, são imprescindíveis para a universidade manter-se atualizada, informa Gavião de Almeida. Para ele, todo atleta paralímpico, além de representar superação e persistência, é um caso único para a ciência. "Na FEF da Unicamp, procuramos manter contato inclusive com quem não trabalha mais conosco", observa o professor, que foi o primeiro coordenador da Academia Paralímpica Brasileira, criada em 2010.

Na avaliação do docente, o progresso individual de cada atleta amplia as possibilidades de inovação na área de educação física adaptada e abre mais campos para a pesquisa. Outros desdobramentos são ampliar o debate e os conhecimentos em temas como acessibilidade, materiais esportivos, entre outros assuntos. "O trabalho vai além das atividades regulares de ensino, pesquisa e extensão, que são o tripé estrutural da universidade pública", observa.

Esportes – Organizadas pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC), os jogos paralímpicos são a maior competição mundial para pessoas com deficiência. Nas competições, os participantes são divididos em cinco categorias: paralisados cerebrais, deficientes visuais, atletas em cadeira de rodas, amputados e atletas com outros tipos de deficiências.

A maioria das modalidades é inspirada nos esportes olímpicos tradicionais – atletismo, natação, tênis, judô, tênis de mesa, futebol, basquete, entre outros. Apenas há adaptação das regras e dos modos de disputa. Há ainda modalidades exclusivas como, por exemplo, o *golbol*. Nesse jogo, disputa-se numa quadra com dimensões e traçados parecidos com a do vôlei, o objetivo das duas equipes de três jogadores cada uma é rolar a bola com guizos em direção ao gol adversário.

Números – Outro viés do trabalho da Unicamp é oferecer respostas às demandas da sociedade, em especial aquelas direcionadas à inclusão social e à diversidade. Segundo o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do Estado de São Paulo é estimada em 41,2 milhões – desse total, 23,9%, ou 9,8 milhões de pessoas, têm algum tipo de deficiência.

No panorama nacional, os percentuais são parecidos: dos 190,7 milhões de habitantes apurados no Censo 2010, 45,5 milhões – quase um a cada quatro brasileiros se



Cladiney foi prata em Londres (2012) e no Catar (2015) no arremesso de dardo

gram o grupo, com deficiências adquiridas no nascimento ou ao longo da vida.

Origem – Em cada país, a educação física adaptada teve origem e desenvolvimento distintos. No Canadá, surgiu nos clubes; nos Estados Unidos, no voluntariado e nos clubes; e na Inglaterra, em centros de reabilitação. No Brasil, a principal referência é a universidade pública, desde a iniciação até o esporte de alto rendimento. No entanto, para participar de competições, o atleta deve ser vinculado a um clube.

O trabalho da FEF da Unicamp com educação física adaptada tem repercussão nacional. Nas últimas décadas, a universidade formou centenas de professores, treinadores, fisiologistas e preparadores físicos especializados. Atualmente, muitos ex-alunos ocupam funções diversas no Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e integram o corpo docente de outras instituições e de universidades parceiras, como as federais de Uberlândia e de São Paulo, também referências na área.

Alguns estudos acadêmicos da FEF colaboraram para o desenvolvimento do parabadminton, parataekwon do, esgrima em cadeira de rodas, golbol, futebol de 5, atletismo, natação e ciclismo. Além disso, o parabadminton e o parataekwon do estrearam nos Jogos de Tóquio 2020, no Japão.

Potência – A primeira paralimpíada foi disputada em Roma, na Itália, em 1960. O Brasil estreou em 1972, em Heidelberg, na Alemanha, sem trazer medalhas. Em 1976, nos jogos disputados em Toronto (Canadá), a delegação brasileira incluiu atletas mulheres pela primeira vez e conseguiu o primeiro pódio, com uma medalha de prata conquistada pela dupla Robson Almeida e Luiz Carlos Costa, na modalidade *lawn bowls*, espécie de bocha jogada na grama.

Em 2014, pela primeira vez, o CPB enviou dois atletas para competir nos Jogos Paralímpicos de Inverno, em Sóchi, na Rússia. E nas paralimpíadas de verão, os pioneiros, o País segue melhorando seu



Felipe Gomes, com o guia Alexandre – Treinamento amplia entrosamento e melhora índices

desempenho a cada nova edição. "A expectativa para a certame disputado em solo brasileiro é conseguir o 5º posto na classificação geral", observam os pesquisadores Duarte e Gavião de Almeida.

Em 1996, em Atlanta (Estados Unidos), a delegação brasileira terminou na 37ª colocação geral; em 2000, em Sidney (Austrália), acabou no 24º lugar; em 2004, em Atenas, capital da Grécia e país de origem dos esportes olímpicos, conseguiu o 14º posto; em 2008, em Pequim (China), ficou em 9º; e em 2012, em Londres (Inglaterra), obteve a 7ª colocação no *ranking* geral.

Neste ano, no Rio de Janeiro, a paralimpíada será disputada de 7 a 18 de setembro nas seguintes modalidades: atletismo, basquete em cadeira de rodas, bocha, canoagem, ciclismo de estrada, ciclismo de pista, esgrima em cadeira de rodas, futebol de 5, futebol de 7, golbol, halterofilismo, hipismo, judô, natação, remo, rúgbi em cadeira de rodas, tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas, tiro com arco, tiro esportivo, triatlo, vela e vôlei sentado.

Segredos – Uma das estratégias da FEF para descobrir e lapidar novos talentos é acompanhar torneios paralímpicos realizados todos os anos nas cinco regiões brasileiras. Outro trunfo é apostar em diversas modalidades, como, por exemplo, oferecer cursos de extensão universi-



Alunos e professores trabalham em prol do atletismo



Winckler – Coordenador técnico de atletismo do CPB

tária de rúgbi em cadeira de rodas, esgrima em cadeira de rodas, parabadminton, paraesgrima, paracanoagem, parataekwon do, atletismo, natação e ciclismo, entre outras.

Além do corpo docente, o trabalho do Departamento de Estudos de Atividade Física Adaptada abrange alunos de graduação e pós-graduação, investindo na diversidade de esportes paralímpicos. A lista inclui os professores João Paulo Borin, fisiologista do exercício especializado em futebol de 5, Marcos Uchida, especialista em força e estudos do paraciclismo, e José Irineu Gorla, especialista em avaliação física.

Variedades – O futebol de 5 é tema do projeto acadêmico do doutorando Luis Felipe Campos. Preparador físico da seleção brasileira desse esporte, ele é também "chamador" nas partidas, isto é, posicionado atrás do gol, passa referências do campo para os atletas com deficiência visual.

O treinador Maicon Pereira atua como preparador físico de esgrima em cadeira de rodas; seu colega de pós-graduação Luiz Gustavo Santos é preparador físico da Seleção Brasileira de paracanoagem e treina 12 atletas na Raia Olímpica da Universidade de São Paulo (USP), na Cidade Universitária, na capital.

A mestrande Thalita Santos especializa-se na área de lesões em nadadores – e trabalhará como voluntária nas piscinas dos Jogos Paralímpicos do Rio 2016. Sua colega Mariane Ferreira, ciclista de elite (profissional), atua como piloto de atleta com deficiência visual em provas de ciclismo.

Outra ação direcionada à iniciação e inclusão no esporte paralímpico é um convênio da Unicamp com a prefeitura de Campinas. Realizado pela professora Maria Luiza Alves, o trabalho consiste em garantir que crianças com deficiência matriculadas na rede pública municipal tenham autonomia e acesso ao esporte adaptado e na capacitação dos professores para atendê-las adequadamente.

Rogério Mascia Silveira
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial

SERVIÇO

- Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp – www.fef.unicamp.br
- Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) – www.cpb.org.br
- International Paralympic Committee (IPC) – www.paralympic.org
- Jogos Olímpico e Paralímpico Brasil 2016 – www.brasil2016.gov.br
- Jogos Paralímpicos (verbete Wikipédia) – <https://goo.gl/L2cN1U>



Centro Paraolímpico Brasileiro, inaugurado no mês passado, na zona sul da capital

Ninho de campeões

Cursando mestrado, o ex-aluno da Faculdade de Educação Física da Unicamp Diego Gamero é um dos preparadores físicos do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) nos treinos preparatórios da delegação brasileira para os jogos deste ano. Além de orientar, ele auxilia na montagem e disposição de equipamentos, como o banco da prova de arremesso usado por competidores de diversas modalidades de atletismo.

No Centro Paraolímpico Brasileiro (inaugurado no mês passado), localizado na zona sul da capital, Diego acompanha os treinos de Bete Gomes, para-atleta de lançamentos de dardo, peso e disco. Com 51 anos, ela conta ter sido na juventude agente da Guarda Civil de Santos e campeã paulista de vôlei, antes de desenvolver esclerose múltipla, em 1996. A doença não a impediu de ser atleta de basquete em cadeira de rodas até 2010. Com a evolução do quadro da doença, hoje dedica-se ao atletismo.

"O esporte sempre foi primordial na minha reabilitação. Treino cinco horas diárias, de segunda-feira a sábado – e toda a equipe técnica e de apoio evolui junto na preparação", diz Bete. Ela representou o Brasil na Paralimpíada de Pequim, em 2008, na modalidade basquete; três anos depois, no arremesso de peso, disputou as provas do Pan-Americano de Guadalajara, no México.

Ouro e prata – José Humberto Rodrigues, cadeirante, treina lançamento de dardos. Com 45 anos e para-atleta desde 2009, o mineiro de Uberaba segue treinando forte. Recordista brasileiro da modalidade, disputa com mais 56 atletas as 39 vagas da delegação nacional nessa modalidade dos jogos do Rio 2016.

"Pretendo brigar pelo ouro", conta. No ano passado, no Mundial Paralímpico de Atletismo, disputado em Doha, no Catar, Rodrigues lançou um dardo a 28,33 metros de distância. Essa marca rendeu-lhe a medalha de prata. "Agora, o céu é o limite, literalmente", acredita.

Internacional – Os fisiologistas do exercício, Thiago Lourenço e Fernando Catinho, ambos doutores pela FEF da Unicamp, contam que sua tarefa é trazer a ciência para as arenas esportivas. A dupla acompanha treinamentos, monitora a evolução dos atletas e comunica os treinadores do Comitê Paralímpico Brasileiro com informações apuradas nos treinos e competições, entre outras tarefas. "Compartilhar os progressos obtidos com os colegas da academia é imprescindível. Eles sempre têm considerações valiosas sobre o trabalho e todos evoluímos em conjunto", contam os especialistas.

Doutor em educação física pela FEF e professor da Unifesp, Ciro Winckler é o atual coordenador técnico de atletismo do CPB. Um dos responsáveis pela gestão do Centro Paraolímpico Brasileiro, ele diz que o complexo criado para treinamento e avaliação de atletas paradesportivos é de referência internacional e será um dos maiores legados da Paralimpíada do Rio 2016.

Com investimento de R\$ 308 milhões, o centro ocupa 140 mil metros quadrados de área e tem hotel com 300 leitos adaptados aos para-atletas e treinadores. Instalado no Parque Fontes do Ipiranga, foi projetado para atender 15 modalidades paralímpicas e construído a partir de parceria entre a Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, o Comitê Paralímpico Brasileiro e o Ministério do Esporte.

Atletismo – Claudiney Santos conquistou medalhas de prata nos Jogos de Londres 2012 e no Mundial Paralímpico disputado no Catar, em 2015, no arremesso de disco. Na sua avaliação, o Centro Paraolímpico representa um grande passo para a evolução nacional do esporte paralímpico. "As instalações favorecem a quebra de recordes e me dedico diariamente a superar minha melhor marca pessoal, de 42,09 metros", pondera o atleta da categoria amputados.

Shirlene Coelho é outra promessa de medalha para o Brasil. Atleta com paralisia cerebral, integra a Seleção Brasileira permanente de atletismo. Ela estreou nos Jogos de Pequim 2008 e conquistou a medalha de prata no lançamento de dardo. Quatro anos depois, em Londres, levou o ouro com direito à quebra de recorde mundial e detém, atualmente, a marca de 37,86 metros, uma das melhores da modalidade.

Entrosamento – Monitorado por uma fotóclula, espécie de cronômetro que apura o desempenho de um corredor em diversos intervalos de uma prova, Felipe Gomes esmera-se nos treinos com seu guia, Jonas Alexandre, para as provas dos 100 metros, 200 metros, 400 metros e revezamento 4x100 metros.

"Ter guia é imprescindível. Ele sincroniza seus passos com os meus, orienta sobre os limites da pista e informa sobre qual ritmo devo adotar em cada etapa da prova", explica o carioca Felipe, medalha de ouro nos 200 metros na Paralimpíada de Londres 2012 e no Mundial de Doha, no ano passado. "Nossos treinamentos diários ampliam o entrosamento e têm possibilitado aprimorar meus índices", revela.



Rodrigues: "O céu é o limite", diz o recordista brasileiro em lançamento de dardos



Shirlene, esperança de medalha para o Brasil na Paralimpíada 2016



Bete, campeã paulista de vôlei, hoje pratica lançamento de dardos, peso e disco